

CONFECÇÃO ARTESANAL DE TINTAS PARA USO NA XILOGRAVURA

Diego Henrique Barboza/Licenciatura em Artes Visuais - UFPel

Angela Raffin Pohlmann/Centro de Artes - UFPel

diego.hrq@gmail.com

angelapohlmann@gmail.com

RESUMO:

Este trabalho descreve a produção de tintas artesanais orgânicas para uso na xilogravura. Trata-se de um resgate da história e da produção de tintas artesanais, que tem como referência produção de tintas preparadas a partir de componentes orgânicos desde as pinturas rupestres. Os objetivos da pesquisa são: (a) investigar a história da fabricação de tintas, (b) analisar os diferentes componentes orgânicos utilizados nas diversas civilizações e períodos, (c) experimentar compostos orgânicos na produção de tintas artesanais para xilogravura, e (d) estudar as tendências atuais ligadas ao desenvolvimento sustentável. Como resultados parciais foram elaboradas tintas a partir de matérias orgânicas e de restos de materiais descartados.

Palavras-chave: Gravura. Xilogravura. Tintas artesanais. Compostos orgânicos. Sustentabilidade.

Introdução

O uso de tintas pela humanidade remete às primeiras sociedades nômades e se expressa através do que chamamos de pintura rupestre. Elementos naturais e acessíveis foram utilizados na composição destas tintas. O primeiro registro rupestre data de 30.000 anos. Os estudos que apontam para a datação deste período foram realizados a partir de tecnologia com o uso do Carbono 14. Os estudos de investigação para determinar a composição dessas tintas indicam a presença de pó de rochas, látex de plantas, substâncias gordurosas, excrementos, sangue, ossos humanos moídos e carbonizados, que acabaram por compor, em vários casos, uma tinta durável identificada em registro de grafismos rupestres com mais de 20.000 anos.

Uma reflexão sobre o passado das tintas artesanais se faz necessário haja visto que o objetivo deste trabalho é pesquisar a produção artesanal de tintas com materiais alternativos como os compostos orgânicos e restos de materiais descartados. Portanto,

podemos aprender com as pinturas rupestres, revisitando uma parte da nossa história. Em outros momentos históricos, as tintas também ocuparam um papel de importância não somente para registrar as imagens produzidas através de desenhos e pinturas, mas também para registrar outras informações advindas de outros campos de produção social. Um estudo sobre a origem da fabricação das tintas desde o período pré-histórico parece ser um estudo mais do que necessário para entender os processos de fabricação e suas implicações na sociedade atual¹. O resgate da história das primeiras tintas nos leva a um paralelo sobre as relações do homem com seu habitat, seus costumes, símbolos, sua organização e sustento, e também no modo como essa relação vem causando a degradação dos recursos naturais, em um mundo atual pouco consciente de sua história.

A Arte e a Imagem nos Primórdios

A arte rupestre se refere a imagens primitivas de figuras humanas, padrões geométricos e zoomorfismos encontrados dentro e fora de cavernas e grutas, ou mesmo em grandes paredões ao ar livre, feitas com tintas orgânicas sobre as rochas. Muitas destas imagens rupestres foram feitas pelo processo de abrasão, que consiste na raspagem das rochas, assim como um misto de ambos, onde foi feita a gravura e posteriormente a pintura.

A tinta usada por esses artistas era orgânica e suas pinturas minuciosas sofreram a ação do tempo. Em alguns casos, estas pinturas perduraram muito tempo, e em outros casos não. Sofreram inclusive alterações de tonalidade, pela ação de bactérias e fungos. Os grafismos rupestres podem ser encontrados tanto em lugares altos, sinalizando a paisagem, como em lugares escuros e de difícil acesso. Assim, a arte rupestre é como um espelho do homem, refletindo o seu passado, sua origem e seus antecedentes, por meio de uma imaginação projetada sobre as rochas, onde a imagem tinha intuítos utilitários e mágicos capazes de garantir a sobrevivência dos homens. Surgiram para suprir necessidades vinculadas aos seus mitos e rituais de caça.

Gombrich (2013) comenta que apesar de as chamarmos de "primitivas", estas pinturas rupestres são extremamente elaboradas. Do mesmo modo, ele se refere aos homens primitivos enfatizando a complexidade de seus pensamentos e realizações. “Nós os

¹Este estudo poderá incluir a pré-história, passando pelas civilizações antigas e as novas descobertas e substratos ao longo da Idade Média, o Renascimento até o advento da Revolução Industrial.

chamamos de ‘primitivos’ não por serem mais simples do que nós – ao contrário, seus processos de pensamento tendem a ser mais complexos que os nossos -, mas por estarem mais próximos do estado original de toda a humanidade.” (GOMBRICH, 2013, p.37)

Estas pinturas rupestres nos remetem ao tempo em que o homem, por motivos diversos em diferentes momentos, começou a registrar em paredes rochosas sua experiência como homem, no intuito de dividir, em um sentido de passagem, marcando um fato ou uma experiência. Estas marcas mostram o início da escrita. E porque não dizer, um momento de transição no pensamento do homem.

Ao estudar atualmente os primitivos, novas perspectivas vão se desenvolvendo a partir destes registros pré-históricos e o modo como nos relacionamos com a nossa própria memória diante deste patrimônio da humanidade. Muitas informações sobre as sociedades primitivas estão sendo debatidas e estudadas pela Antropologia e algumas destas ideias vêm sendo desmistificadas, pois é recorrente uma visão romantizada ou baseada em preceitos atuais, como a própria ideia que se tem de arte, que não existia nessas sociedades. Assim, essas sociedades pré-históricas possuem aspectos em comum entre elas, tais como o uso de tintas orgânicas e os símbolos representados; no entanto, cada uma tem sua particularidade, seus costumes, seus dogmas e mitos.

Não se sabe ao certo o início da arte e da linguagem, mas de acordo com Mello e Suarez (2012) “Os primeiros relatos do uso de tintas são dos períodos anteriores há 30.000 anos associadas a pinturas em paredes rochosas realizadas por sociedades nômades primitivas”. Portanto, a produção e o emprego de tintas e a procura de materiais vem de muito tempo. A produção de tintas tem ampliado as possibilidades de expressão da humanidade através da arte, da escrita e da tecnologia.

De fato não sabemos os primórdios da arte e da linguagem. Nas palavras de Gombrich (1979, p.19)

Ignoramos como a arte começou, tanto quanto desconhecemos como iniciou a linguagem. Se aceitarmos o significado de arte em função de atividades tais como a edificação de templos e casas, realização de pinturas e esculturas, ou tessituras de padrões, nenhum povo existe no mundo sem a arte.

É preciso pensar na concepção de arte. E tentar compreender a maneira de pensar dos povos primitivos para que se possa entender as imagens produzidas por eles e por conseguinte o seu ponto de vista da arte.

Como sabemos, ao longo do tempo, a imagem assumiu diversos papéis e parece, de certo modo, ter perdido o seu antigo poder de encantar os homens com a sua própria realidade. Assim contestamos o sentido da imagem: no mundo antigo existe uma fronteira tênue entre a imagem e a realidade, e ao passo que no mundo atual as imagens são consumidas devido à super produção de imagens midiáticas e comerciais.

Geometrismos Rupestres

Em algum momento da história o homem primitivo deve ter passado por uma transição, por uma ruptura, de modo a acessar a partes antes não acessadas em sua mente, o que nos faz questionar sobre em que momento o homem decide que ele precisa de tinta, manifestando uma série de registros geométricos em comum, e que são encontrados tanto próximos como em lugares totalmente distintos geologicamente. Entre eles estão os pontilhismos, linhas paralelas em zigue-zagues, vórtices, grades, labirintos. Refletindo que algo os unia em suas sagas e dramas primitivos.

Muitos desses motivos geométricos eram pintados nas profundezas de cavernas e grutas, em lugares profundos e escuros, de difícil acesso, alinhando os desenhos a acontecimentos celestes. Nas palavras de Jung (2000, p.17), os mitos primitivos eram mais do que experiências objetivos, pois correspondiam às projeções da alma humana:

Para o primitivo não basta ver o Sol nascer e declinar; esta observação exterior deve corresponder - para ele - a um acontecimento anímico, isto é, o Sol deve representar em sua trajetória o destino de um deus ou herói que, no fundo, habita unicamente a alma do homem. Todos os acontecimentos mitologizados da natureza, tais como o verão e o inverno, as fases da lua, as estações chuvosas, etc, não são de modo algum alegorias destas, experiências objetivas, mas sim, expressões simbólicas do drama interno e inconsciente da alma, que a consciência humana consegue apreender através de projeção - isto é, espelhadas nos fenômenos da natureza.

Em muitos paredões onde foram encontrados os grafismos rupestres, há registros de pinturas feitas em mais de uma época em um mesmo paredão, reforçando ou mesmo

anulando ideias, que variam de significado dependo do grupo cultural. Um exemplo simples do mundo contemporâneo ocorre na pichação, onde em diferentes momentos, as paredes são marcadas com os símbolos do grupo que as realizou. E não somente neste aspecto os primitivos estão ligados aos artistas contemporâneos, afinal são recorrentes, na arte contemporânea, muitos desses motivos geométricos, demonstrando assim a ligação íntima entre os artistas de ambos os tempos.

A respeito do saber oriundo dos antigos povos e sua mentalidade, propõe-se a reflexão sobre o quanto de primitivos ainda temos em nosso íntimo, decifrando um pouco a complexidade dos seus mitos, totens (animais de poder) entre outros arquétipos, símbolos internos da natureza humana.

Os grafismos rupestres apresentam de acordo com o grupo que pertencem, sentidos masculinos, femininos, de fertilização, para marcar determinados eventos, onde uma simples linha pode conter vários significados, representando o próprio homem, a sua lança, o fogo, ou linhas onduladas, que remetem à movimentação da água. Afinal, existe uma tendência em generalizar as sociedades antigas se esquecendo da particularidade de cada povo. E, não há como não lembrar que hoje também existem sociedades tribais que vivem marginalizadas, desabrigadas das suas terras; muitas delas ocupadas por grandes fazendeiros ruralistas, cujo apoio encontram em brechas na lei, mediadas por seus vínculos políticos e poder financeiro, levando muitas tribos à extinção.

A Necessidade de Tintas Orgânicas

Depois da revolução industrial surgiram tintas sintéticas. A produção dessas tintas não só é prejudicial à saúde dos seres vivos, como também causa intensa poluição no meio ambiente. O conhecimento científico e tecnológico permitiu a produção de diversas tintas sintéticas destinadas a um conjunto enorme de aplicações. Por conta do crescimento industrial e comercial as tintas assumiram uma posição importante na produção de mercadorias e no mundo atual.

Entre as questões atuais, a minimização de resíduos e as manifestações ambientais nos mostram que o sistema vigente está falido. Podemos acompanhar a falência do sistema através das catástrofes naturais e do alto índice de desigualdade social. O surgimento de sociedades alternativas, se opondo a uma economia centrada no monopólio, é uma

necessidade para melhorar a vida das pessoas e o meio ambiente. As bases da economia solidária, com uma produção local (por exemplo: Agricultura Familiar), pode estar voltada à pesquisa e ao saber orgânico. A produção que valoriza o saber de cada trabalhador, dentro do seu ambiente de trabalho, pode promover uma relação justa entre o produtor e consumidor. As bases de um consumo consciente valoriza o homem e a natureza. Desta forma, a produção de tintas orgânicas precisa estar sintonizada com a melhoria da qualidade de vida, e não deve agredir a saúde das pessoas e o meio ambiente.

Xilogravura

Os homens antigos pintavam seus corpos para comunicar algum evento social e natural. Eles também precisavam se comunicar com muitos outros a fim de se integrar. Muito depois, a imprensa surge pela necessidade de comunicação e de registro da integração social de uma população demograficamente mais densa. Através da impressão com a xilogravura, técnica rústica e primorosa de entalhe à madeira, se tem os primeiros registros em ilustração de um exemplar da oração budista Sutra Diamante, em 868 na China. Mas sabe-se que já se estampassem tecidos séculos antes, no Extremo Oriente.

Assim sendo, a xilogravura surge como uma técnica de reprodução de um número de tiragens de uma mesma imagem. A xilogravura ganha muitos empregos e se populariza no Ocidente somente na Idade Média e passa a estampar selos, baralhos, livros, etc. No Brasil, a xilogravura é um dos suportes para a manifestação da arte de Cordel. Vemos, nas xilogravuras de Fayga Ostrower, o poder de abstração na criação de obras de arte. Assim também nos trabalhos de Kandinsky que desenvolve a arte abstrata e relaciona motivos geométricos com questões do inconsciente, por meio da análise da tensão das linhas e correspondências geométricas com conceitos espirituais.

Tintas Artesanais

As tintas são materiais geralmente líquidos ou pastosos constituídos de pigmentos, resinas, solventes e aditivos. Pensando na minimização de resíduos, ou seja, importante atitude diante do desenvolvimento sustentável, podemos usar como componentes de

tintas substratos antes descartáveis e/ou alternativos. Como alternativas para os pigmentos seriam o uso de folhas, flores, grãos, líquens, cascas de árvore, beterraba, frutas, erva-mate, carvão, pó de café, hena, giz de lousa, giz pastel seco e/ou oleoso, anil, cinzas de fumo, alcatrão, gesso ou pó de toner. Para extração de alguns pigmentos, principalmente os de cascas e folhas de árvores, a extração é feita com água fervente. E como solventes podemos usar água, leite, urina, betume, terebintina. A fim de preparar tintas para xilogravuras os componentes básicos das tintas foram selecionados com a finalidade de obter uma viscosidade adequada.

Tinta de terra

Mistura de goma arábica (resina), gema de ovo (resina), glicerina (umectante), água (solvente) e terras argilosas em vários tons (pigmento). (Figs. 1 a 7)

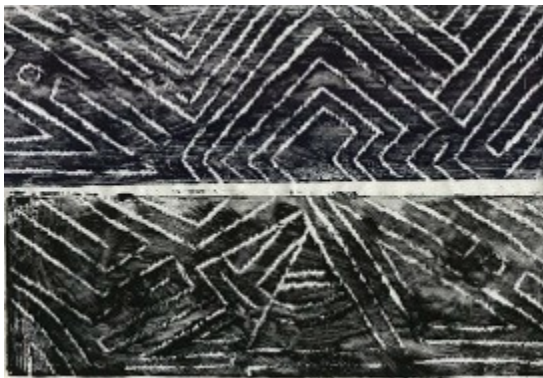


Figura 1. Diego Barboza, “Motivos”, xilogravura, 2015



Figura 2. Da série “Visão com Boi”



Figura 3. Monoprint “texturas”



Figura 4. Fragmento de xilografia “a árvore da origem”

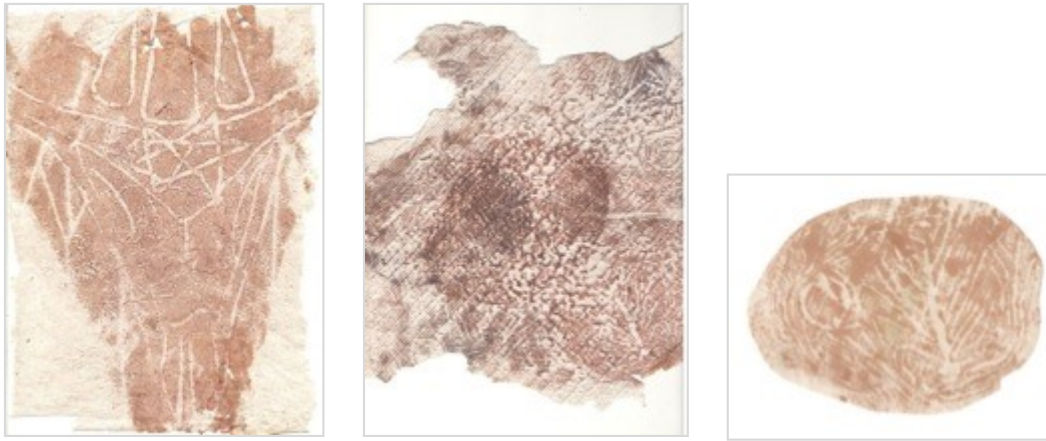


Figura 5. Fragmento de xilogravura “boi totêmico” (Impressões sobre papel artesanal)
Figuras 6 e 7. xilogravura de topo “sarça ardente”

Tinta de fezes de lagartas de borboleta e pulgão

Mistura de goma arábica (resina), cola artesanal (aglutinante), álcool (solvente) e fezes de lagartas e pulgão amarelo (pigmento). (Fig. 8)



Figura 8. Xilogravura “índio”

Tinta de Giz de Lousa

Mistura de óleo de soja reutilizado (resina), cola artesanal (aglutinante), água e urina (solvente), pó de giz (pigmento). Posteriormente pedaços de batom macerados na tinta (resultado na xilo 'indio'). (Figs. 9 e 10)



Figura 9. "Paisagem"



Figura 10. "Indio"

Tinta de café, espinafre e urucum

Mistura de goma de babosa (resina), cola artesanal (aglutinante), suco de espinafre (solvente e pigmento), urucum (pigmento) e posteriormente borras de café (pigmento). (Figs. 11 e 12)



Figuras 11 e 12. "Mandala"

Tinta de Urucum

Mistura de goma arábica (resina), glicerina (resina), álcool (solvente) e urucum (pigmento). (Fig. 13)



Figura 13. “Espiral”

Tinta de Beterraba

Mistura de goma de babosa envelhecida (resina), cola artesanal (aglutinante), suco de beterraba (pigmento e solvente) (Fig. 14)



Figura 14. “grafismos”

Conclusão

Com os materiais tais como terra, giz, carvão e café foram obtidas tintas artesanais de maior granulação. No entanto, foi possível maior uniformidade na tinta depois de realizada a coagem dos pigmentos. Além disso, a partir destes materiais sólidos, foi possível obter maior estabilidade nas cores do que com a utilização de pigmentos líquidos, como no caso do urucum, por exemplo.

As impressões de xilogravuras realizadas com estas tintas artesanais resultaram em texturas e cores em tons pastéis. Notamos que faz-se necessária a utilização de fungicidas. Entretanto, a utilização de fungicidas naturais como vinagre e limão, apesar de cumprirem com a função de fungicidas, desequilibram o pH do papel (que é de pH básico), causando menor durabilidade do papel.

Concluimos que as tintas artesanais produzidas com materiais orgânicos podem ser uma ótima opção para encontrarmos novos resultados com diferentes cores e texturas nas impressões feitas na Xilogravura. Além disso, a fabricação artesanal das tintas permite novas descobertas, além da inclusão e do reaproveitamento de materiais que foram descartados, o que nos coloca com uma postura ecológica diante dos descartes que são realizados na atualidade.

Referências

- BARBOZA, Diego Henrique; POHLMANN, Angela Raffin. Tintas artesanais para uso na xilogravura. In: **Anais da I semana integrada de ensino pesquisa e extensão - SIEPE (XXIV CIC, XVII ENPOS, II CEC, I CEG)**, 2015, Pelotas. Anais do XXIV Congresso de Iniciação Científica. Pelotas: UFPel, 2015. Disponível em: <<http://wp.ufpel.edu.br/cic/anais/anais2015/>> Acesso: 23fev.2016.
- GASPAR, MaDu. **A Arte Rupestre no Brasil**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.
- GOMBRICH, Ernst Hans. **História da Arte**. Rio Janeiro: Zahar, 2013.
- GOMBRICH, Ernst Hans. **História da Arte**. Rio Janeiro: Zahar, 1979.
- JUNG, C. G. **Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo**. Tradução Maria Luíza Appy, Dora Mariana R. Ferreira da Silva. Perrópolis, RJ : Vozes, 2000.
- MELLO, Vinicius. M.; SUAREZ, Paulo. A. Z. - As Formulações de Tintas Expressivas Através da História. **Revista Virtual Química**, 2012, 4 (1), 2-12. Data de publicação na Web: 5 de março de 2012. Disponível em: <<http://www.uff.br/rvq>> Acesso: 22dez2015.
- MIKOSZ, José Eliézer. **A Arte Visionária e a Ayahuasca: Representações Visuais de Espirais e Vórtices Inspiradas Nos Estados Não Ordinários de Consciência (ENOC)**. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina – Doutorado em Ciências Humanas. Orientador: João Eduardo Pinto Basto Lupi. – Florianópolis, 2009.